



TEMPOS NA CONTRAMÃO: SENTIDOS E USOS DO TEMPO ENTRE "ADOLESCENTES DE RISCO" NA CIDADE DO RECIFE

Mónica Franch ¹

Meu pai não gosta que eu fique com menino, mas eu fico. Não gosta que eu fique na praça mas eu fico, por causa das balas, no dia que eu levar eu paro, mas mesmo assim eu não paro, que tem um menino que levou e fica até hoje ainda e assim vai. Não quer que eu fique na pista, ali, olhando os negócios, eu fico. Comigo não tem isso, não. Tudo que ele diz não, eu faço. Tudo que eu gosto de fazer, eu faço (Íris, 15 anos).

Íris e mais oito “adolescentes de risco” protagonizam este ensaio. Conheci essas garotas no ano de 2006, enquanto realizava a pesquisa que redundou em minha tese de doutorado em antropologia, a respeito dos usos e dos sentidos do tempo entre jovens de grupos populares do Grande Recife (FRANCH, 2008). A rotulação desse grupo de jovens como “de risco” não foi dada por mim, mas por Gláucia², a líder comunitária que mediou meu contato com as jovens da sua comunidade, um local de triste fama na cidade do Recife, devido à alta incidência do tráfico de crack e mortalidade juvenil. No passado, Gláucia estivera inserida no campo de atenção à criança e ao adolescente, onde a expressão “adolescentes de risco” se tornou popular, sobretudo no início dos anos 1990, no bojo do enfoque preventivista em saúde pública, marcado pela noção de grupos de risco (AYRES, 1997). No primeiro dia em que fui à comunidade em questão, Gláucia me apresentou quatro garotas. “São todas de risco”, disse-me diante delas, o que me causou certa estranheza. Quando ficamos a sós, perguntei às jovens se elas se consideravam “de risco”, ao que todas responderam afirmativamente. Foi assim que fiquei sabendo que o rótulo “de risco” não era usado apenas em relação a terceiros mas podia ser utilizado igualmente para a auto-definição, sobretudo em situações que envolviam contato com instituições e projetos, como acontecia com minha pesquisa. Ao sair da retórica oficial e ganhar as ruas, a expressão “adolescente de risco” adquiria novos sentidos, se impregnando de idéias a respeito do que diferencia uma adolescência “normal” de uma outra “de risco”. Tais classificações expressavam normas sobre o tempo e o espaço adequados a cada momento da vida, em que as inscrições de gênero fizeram sua aparição. Além disso, no caso específico da comunidade estudada, a temática do risco estava entremeada por contínuos episódios de violência que atingem os moradores, assumindo por vezes a inequívoca face da morte.

¹ Doutora em Antropologia pelo PPGSA/UFRJ. Professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB.

² Esse e todos os outros nomes que aparecem neste texto são fictícios.



Neste ensaio, a qualificação “adolescentes de risco” não é tomada em seu sentido substantivo mas como uma categoria nativa que se revela “boa para pensar”. Por um lado, a idéia de risco se relaciona com a dimensão do futuro, lançando uma dúvida sobre as possibilidades do amanhã daqueles que são classificados dentro dessa categoria. Nesse sentido, o “risco” remete a um importante debate nos trabalhos sobre o tempo nas ciências sociais, que diz respeito ao aumento dos graus de incerteza nas sociedades contemporâneas. Por outro lado, o risco aparece como uma categoria fortemente acionada nos estudos, e sobretudo nos programas e políticas, ligados à adolescência e juventude, dentro do esforço de diferenciar e explicitar as vulnerabilidades diferentes que os sujeitos, nessa fase da vida, teriam em relação a distintos agravos, como a mortalidade por causas externas, ou mesmo em relação a “problemas sociais”, como a chamada “gravidez na adolescência”. Uma terceira dimensão que ainda é preciso levar em consideração ao falar sobre risco diz respeito à busca consciente por excitação e por superação de limites, como pode ser exemplificado nos chamados esportes radicais ou de risco (SPINK, 2001) – características que costumam ser atribuídas também à adolescência e juventude. Neste trabalho, dialogo, sobretudo, com a segunda dimensão aqui referida, que é a matriz da rotulação que sofriam as garotas, embora também seja necessário considerar as duas outras dimensões referidas.

Na literatura sobre juventude, a idéia de risco precisa ser relacionada duas outras idéias de extrema importância na compreensão do tema: a juventude-problema e a juventude-perigosa. Com efeito, há uma vasta literatura que mostra como a juventude é tematizada, na academia e no senso comum, a partir da idéia de problema, o que é mais evidente ainda no caso dos chamados jovens das periferias que aliam à condição juvenil o estigma de pertencer às “classes perigosas”, segundo a conhecida expressão de Louis Chevalier (ABRAMO, 1997; ALVIM; PAIM, 2000; BOURDIEU, 1983; 1986; FEIXA, 1998). A opinião de que os jovens pobres têm muito tempo ocioso e que isso não é bom nem para eles nem para a sociedade impregna o senso comum, transparece na mídia e informa freqüentemente as intervenções voltadas para esse segmento.

Se a preocupação social a respeito do tempo juvenil e do risco que os jovens correm/causam apresenta um recorte de classe, ela também veicula representações sexualmente diferenciadas. Os jovens são percebidos como sendo suscetíveis ao envolvimento com a criminalidade, principalmente com o tráfico de drogas, enquanto a esfera de preocupação para as jovens é, geralmente, a sexualidade, especificamente a maternidade “precoce”. Cabe lembrar que as atribuições de gênero em relação aos “problemas sociais” não correspondem à realidade empírica, uma vez que também os adolescentes e jovens tornam-se pais nessa fase da vida, bem como as



jovens, embora em menor medida, se envolvem direta e indiretamente na criminalidade. O recorte de gênero, entretanto, faz parte da compreensão social dessas questões, compondo assim o cenário em que elas se tornam questões relevantes para o debate público e para a implantação de políticas.

Em recente pesquisa da Datafolha sobre o perfil da juventude brasileira³, as atribuições de gênero ficaram bem evidentes. Ao discutir a questão da inserção profissional, foi apresentada a história de dois irmãos nos seguintes termos: “Os gêmeos Cleuton e Cleiton Souza, de 19 anos, lutam para ser diferentes – dos colegas que viram cair na droga e no crime”. Já na discussão sobre o aborto, são apenas as garotas que dão entrevista. A idéia de que existiria uma “tendência natural” dos homens jovens pobres para o crime, contra a qual é preciso “lutar” atravessa o debate sobre as políticas públicas para juventude no Brasil (ALVIM; PAIM, 2005). Já no que diz respeito ao debate sobre gravidez na adolescência, pesquisas recentes tentam, de um lado, combater a idéia de que esse evento é necessariamente problemático, como também buscam reintroduzir os garotos na discussão (BRANDÃO; HEILBORN, 2006). Sem entrar no mérito desses debates, interessa aqui destacar que os dois principais “problemas sociais” que concernem à juventude nos dias que correm – violência e gravidez na adolescência – dizem respeito, indiretamente, às formas legitimadas de uso do tempo, apresentando expectativas de gênero e classe claramente definidas. Vejamos agora de que modo tais questões aparecem no cotidiano das garotas estudadas.

O tempo livre das “meninas soltas”: a rua e a casa

A rua tem um grande peso na vida de quase todas as adolescentes que Gláucia me apresentou, o que contribui para sua classificação na categoria “de risco”. Isso não quer dizer que elas não freqüentem a escola ou, eventualmente, projetos para adolescentes. Das nove meninas entrevistadas, apenas três estavam fora da escola, mas tinham planos de voltar a estudar. Além disso, a maioria tinha passagem por projetos esportivos, culturais ou religiosos, que tinham abandonado “porque deu preguiça”. Comparativamente a outras jovens, entretanto, trata-se de garotas com muitas horas vagas, que costumam passar nas ruas, e não dentro de casa, como se espera de meninas de sua idade. As mais novas procuram as ruas, principalmente, para jogar bola de gude, embora tanto Luana (13) como Flora (11) sejam apontadas como “namoradeiras” pelas garotas mais velhas. Já as jovens de mais idade vão para as ruas para conversar com os amigos, paquerar e, às vezes, “namorar escondido”. Aos finais de semana, muitas vão aos bailes que

³ Especial da Folha de São Paulo intitulado “Sonhos, medos, vontades, dúvidas e certezas do jovem brasileiro”, publicado no domingo 27 de julho de 2008.



funcionam na comunidade, ou ficam do lado de fora, aproveitando a aglomeração festiva. Umas mais, outras menos, essas jovens aproveitam qualquer tempo vago para ir “na pista” ou “lá na frente”, até a rua, enfim, onde as coisas acontecem.

Como se sabe, nos bairros populares há uma grande fluidez entre a casa e a rua, porém isso não impede que, no domínio do simbólico, ambas as esferas veiculem valores, normas e sentidos distintos e, de certo modo, opostos. Luiz Fernando Dias Duarte (1988) descreve essa construção simbólica a partir da equação interioridade/exterioridade, que reserva ao homem a esfera externa à casa e à mulher, aquela interna: “ela [a mulher] é interna, privada, imbricando-se de maneira inextricável com o próprio sentido da *casa*. O mundo da *rua* é por ela atravessado apenas em direções muito cuidadosamente balizadas”(p.177). Como bem nos ensinou Roberto Da Matta (1991), a casa é o lócus da família, da proteção, do aconchego. Já a rua é o lugar da aventura, das relações impessoais, do risco. Mas a casa, para as garotas da comunidade estudada, é também o espaço do controle, do conflito e das hierarquias de gênero, enquanto a rua permite a autonomia, o segredo e, em alguns casos, a experimentação de relacionamentos mais igualitários. Se na casa, a princípio, o tempo das garotas é regulado pelas obrigações domésticas e pela autoridade familiar, na rua elas podem exercer uma certa auto-regulação. Transgredir a ordem espaço-temporal que lhes é imposta torna-se uma tarefa constante, mas constitui também fonte de contínuos conflitos familiares.

A prescrição de ficar em casa se acentua depois da primeira menstruação, que aparece como um evento biográfico significativo para esse grupo. Ficar menstruada pela primeira vez é um dos marcos sociais de saída da infância para as garotas, não pelas mudanças que ocasiona em quem passa por esse processo, mas porque muda a percepção dos outros, o que se traduz inclusive com uma reclassificação etária: de “criança” para “moça”. A primeira menstruação vive-se com ambigüidade. Por um lado, vontade de crescer e de ser mais autônoma. Por outro lado, desconforto físico e a constatação de que o controle parental passa a ser mais acirrado a partir desse momento:

Mónica: Como foi esse negócio de primeira menstruação?

Íris: Foi muito ruim. Passei mal, fiquei passando mal, fiquei com vontade de vomitar, dor de barriga. Depois, quando fui no banheiro, fiquei toda assim... eu queria e agora eu não quero mais.

Luana: Eu também queria.

Íris: Mas depois que a pessoa menstrua as mães controla mais, pensa mal, pensa logo que é um bucho. Se eu chego atrasada eu digo logo: “Eu arrumei um bucho...” Ela pensa que quando a pessoa menstrua vira logo a cabeça [...]

Mónica: Vocês acham que muda a relação com os pais depois que menstrua?

Íris: A mãe fica logo com medo que a filha chegue grávida.

Luana: Eu passei um tempão que minha mãe não queria me deixar sair.

Íris: Eles começam a pegar no pé, mais ainda que era.

Mónica: Eles ficam com medo de que vocês engravidem?



Íris: Que dê logo o danado, mas depois que dá...

“Lugar de moça é lugar de moça, lugar de mulher, é lugar de mulher”. As jovens sabem muito bem que essas prescrições existem, em parte, para garantir suas trajetórias escolares, que seriam interrompidas por uma gravidez “precoce”, mas sobretudo para salvaguardar sua “honra”. Entretanto, diferentemente do que acontece em outros grupos de garotas, elas estão pouco dispostas a cumprir com esse roteiro e pautam seu cotidiano pela busca de uma autonomia temporal que se consegue, sobretudo, fora de casa. Íris, Raquel, Luana e todas as outras “adolescentes de risco” vivem com suas famílias de origem, onde ocupam a posição de filhas. Trata-se de famílias estruturadas em base a marcadas hierarquias de geração e de gênero, o que situa as jovens no pólo mais heterônomo dentro do grupo doméstico, submetidas à autoridade dos parentes mais velhos e dos irmãos:

Mônica: Sobre que coisas que as mães brigam?

Luana: É tanta coisa! As amigas, se a gente fica com os meninos. É muita coisa, também.

Flora: Não quer que a gente arrume namorado...

Mônica: A mãe não quer que vocês namorem?

Luana: Não. Qualquer menino. É que nem meu irmão. Eu dizia: “Mainha, deixa ir pra rua”. Ela: “Vai não”. Aí eu: “A senhora deixa Luís e não deixa eu”. “Não, porque ele é homem”. E eu: “Que é que tem, mainha? Ele foi pra rua, e eu não vou? Só porque ele é homem? Que é que tem? Só por causa que ele é homem ele vai e eu não vou? Só se eu me vestir de homem...”

Mônica: Vocês acham que é melhor ser menina ou menino?

Luana: Menina. Que a mulher é mais privilegiada, né.

Janaina: Fica presa direto, dentro de casa. [Todas riem]

Mônica: Isso é bom ou é ruim?

Todas: É ruim.

Luana: O filho não precisa ajudar a mãe, agora a filha tem que fazer tudo.

Flora: Tem que lavar prato, tem que lavar a roupa, tem que arrumar a casa.

Luana: Às vezes meu irmão vem reclamar comigo, ele diz: “Ah, eu sou homem, não preciso fazer as coisas”. Até parece que homem não pode fazer as coisas, não é?

Em quase todas as casas, cabe às garotas boa parte do ônus do trabalho doméstico, que atua como um importante estruturador do cotidiano, como um elemento de socialização visando o posterior casamento e, também, como uma ocupação para mantê-las longe das ruas. No terreno das práticas, estamos muito longe da Geração @, expressão que Carles Feixa (2001) aplica aos jovens europeus dos anos 1990 em diante, que estariam vivendo uma crescente diluição dos constrangimentos de gênero. Já no que diz respeito a valores, existe sim uma tendência à valorização igualitária dos sexos, o que se pode perceber pelas freqüentes tensões entre as garotas e seus irmãos naquelas esferas onde as desigualdades no tratamento dos filhos são mais evidentes, como na diferença no acesso às ruas e na liberação dos rapazes do trabalho doméstico. As jovens também não consideram legítima a autoridade de seus irmãos sobre elas, questionando explicitamente a hierarquia apenas baseada nas relações de gênero. A existência de um ideário mais



igualitário no que diz respeito às relações entre homens e mulheres se manifesta, por fim, na expectativa de algumas garotas por relacionamentos simétricos no futuro e mesmo por alguns experimentos relacionais no presente. Íris era a mais enfática a esse respeito: “Eu imagino uma família melhor [...] Eu na minha casa própria, com meu filho, meu marido. Quando ele sair, eu quero sair junto com ele.”

Como se vê, o tempo doméstico apresenta um forte caráter coercitivo para a maioria das jovens desse grupo. Isso é especialmente verdadeiro nas famílias mais numerosas, com 8 ou 7 irmãos, ou naquelas em que a convivência familiar é pautada por tensões e brigas. Por outro lado, as jovens também tentam imprimir seus ritmos em casa, quer desobedecendo a regulação horária que estabelece limites para a ida às ruas, quer introduzindo outros tempos no espaço doméstico – dormindo muito ou escutando o rádio até de madrugada, por exemplo. Contudo, conquistar na própria casa um “tempo para si” (NOWOTNY, 1989) nem sempre é possível. Isso torna as ruas especialmente atrativas para esse grupo, contribuindo assim para sua rotulação como “meninas soltas” ou “de risco”.

Com 13 anos de idade, Raquel era a jovem que melhor encarnava a idéia de “risco” no grupo. Seu cotidiano não estava regulado por nenhuma das instituições presentes na vida de boa parte das adolescentes da comunidade – escola, família, igreja ou trabalho. Por isso, quando não se referiam a ela como uma “adolescente de risco”, a definiam como uma menina “solta” – diferente das “meninas presas”, que se submetiam de bom grado à autoridade doméstica e institucional. Durante a semana, Raquel acordava tarde, arrumava eventualmente a casa e logo corria para uma favela vizinha, onde encontrava suas amigas, com quem passava o dia bebendo, fumando maconha e “arriando com os outros”⁴. Quando a fome batia, a jovem voltava para casa, enfrentava as reclamações da avó, comia alguma coisa e deitava para dormir e assistir novela. No início da noite, saía para a rua novamente, retornando para casa apenas de madrugada. Viver no presente, com pouca preocupação a respeito do dia do amanhã, era o traço marcante da construção temporal de Raquel quando a conheci. Um tempo errático⁵ e pouco estruturado, que tornava a jovem objeto de censura e de preocupação na comunidade.

Não apenas a mãe como toda a família de Raquel estava visivelmente preocupada com ela, mas as tentativas de disciplinamento não pareciam dar resultado:

Mônica: Com quem é que você se dá melhor da sua família?

⁴ Arriar = brincar.

⁵ Na grade proposta por George Gurvitch, o tempo errático é descrito como “tempo de incerteza e de contingência acentuada em que o presente prevalece sobre o passado e o futuro” (*apud* HARVEY, 1992, p.205)



Raquel: Com a minha tia [...] Ela conversa às vezes comigo.
Mónica: E o que é que ela diz pra você?
Raquel: Ela fica dizendo que ela não quer que eu saia pra rua mais, porque eu fumo maconha. Ela diz que não é pra sair pra rua muito. Aí eu saio.
Mónica: Então, ela se preocupa contigo?
Raquel: Todinho se preocupa.
Mónica: Todo mundo se preocupa contigo na tua família? E por que isso?
Raquel: Porque eu sou muito danada.
Mónica: O que é ser danada?
Raquel: Porque fumo maconha e chego tarde da noite. Mas agora não estou chegando não, tarde da noite, não [...] porque mataram um menino aí, os caras do outro lado invadiu aqui. Eu vi quando eles invadiram. Aí joguei minha bicicleta e corri. Aí eles pegaram a bicicleta. [...]
Mónica: E a que horas tu chega em casa agora?
Raquel: Eu saio de oito horas, chego de onze horas.
Mónica: E antes, tu chegava que horas?
Raquel: Eu amanhecia. Seis horas eu chegava, no outro dia de manhã.

Dormindo quando os outros trabalham e na rua enquanto todos dormem, Raquel vive sua vida “a contratempo” (LASÉN, 2000), subvertendo o tempo social dominante. Ser “danada” implica na transgressão de muitas ordens⁶, e a ordem temporal não é a menos importante delas. Colonizar os tempos noturnos, porém, tem seu preço. As ruas da favela, que durante o dia já não são totalmente seguras devido à “guerra do tráfico”, tornam-se particularmente perigosas à noite. Muitas “invasões” acontecem nesse horário e é, sobretudo, nas madrugadas que se concentram os relatos de arbitrariedade policial. Contudo, a noite é também o reinado da liberdade e da experimentação, o momento, podemos dizer com João do Rio (1997, p.61), em que a rua mostra sua verdadeira alma.

Bibliografia

ABRAMO, Helena Wendel. 1997. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação. Número especial: Juventude e contemporaneidade*. ANPED, n° 5-6, maio a dezembro.

ALVIM, Rosilene; PAIM, Eugenia. 2000. Os jovens suburbanos e a mídia: conceitos e preconceitos. In: _____; GOUVEIA, Patrícia (org.). *Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Gestão Comunitária: Instituto de Investigação e Ação Social.

AYRES, José Ricardo de C.M. 1997. *Sobre o risco: para compreender a epidemiologia*. São Paulo: HUCITEC.

BOURDIEU, Pierre. 1983. A juventude é apenas uma palavra? In: *Questões de sociologia*. São Paulo: Marco Zero.

⁶ Também a ordem sexual, pois Raquel era conhecida por “ficar com liberdade com os homens”.



_____. 1986. De quoi parle-t-on quand on parle do “problème de la jeunesse”? In: Prous, François (coord.) *Les jeunes et les autres*. Vauclesson: CRIV, 1986.

BRANDÃO, Elaine Reis; HEILBORN, Maria Luiza. 2006. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 22(7), julho, p. 1421-1430.

DA MATTA, Roberto. 1991. *A casa & a rua*. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan.

DUARTE, Luiz Fernando D. 1988. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas* (2ª edição). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ CNPq.

FEIXA, Carles. 1998. *El reloj de arena: Culturas juveniles en México*. México: Causa Joven, Centro de Investigación y Estudios sobre la juventud.

_____. 2001. *Generació @*. La joventut al segle XXI. Barcelona: Generalitat de Catalunya.

FRANCH, Mónica. 2008. *Tempos, contratempos e passatempos*. Um estudo sobre os sentidos e os usos do tempo entre jovens de grupos populares do Grande Recife. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (doutorado em Antropologia), UFRJ.

LASÉN, Amparo. 2000. *A contratiempo*. Un estudio de las temporalidades juveniles. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.

RIO, João do. 1997. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras.

NOWOTNY, Helga. 1989. *Le temps à soi*. Genèse et structuration d’un sentiment du temps. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l’homme.

SPINK, Mary Jane. 2001. Trópicos do discurso sobre o risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. *Caderno de Saúde Pública*, 17(6):1277-1311, Rio de Janeiro.